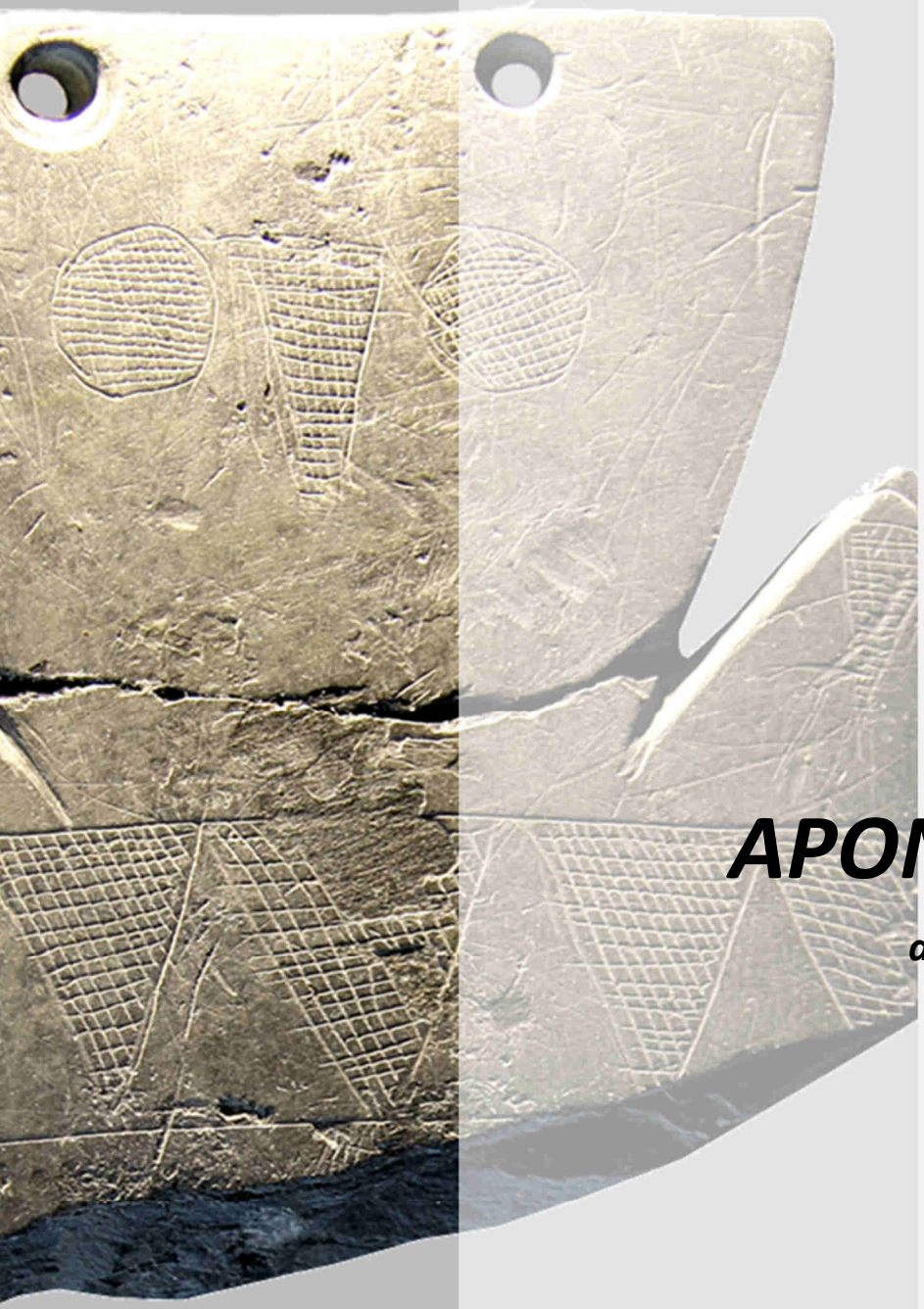


16

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

JUN 2022

ISSN: 2183-0924

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

ERA ARQUEOLOGIA

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

16

JUNHO

2022

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**
Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**
Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA**
Local de Edição: **Lisboa**
Data de Edição: **Junho de 2022**
Volume: **16**
Capa: Placa de xisto decorada da Anta 1 de Vale da Moura
(Foto de António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:
antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL 07

Tiago do Pereriro, António Carlos Valera
PLACAS DE XISTO E BÁCULO DA ANTA 1
DE VALE DE MOURA (ÉVORA).
BREVE APONTAMENTO 09

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro
ROUCA 7 (CANO, SOUSEL): GEOFÍSICA DE UM
NOVO RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO 15

António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio,
Alessio Gorga, Nelson Almeida, Juliana Ferraz
O GRANDE COMPLEXO DE RECINTOS DE FOSSOS
PRÉ-HISTÓRICO DO MONTE DA CONTENDA
(ARRONCHES): ABORDAGEM A PARTIR DE
DISTRIBUIÇÕES DE SUPERFÍCIE 21

Patrícia Diogo Monteiro, Artur Ribeiro,
António Carlos Valera
WOODLAND RESOURCES IN PERDIGÕES:
ANTHRACOLOGICAL ANALYSIS OF CHALCOLITHIC
AND EARLY BRONZE AGE CONTEXTS 33

Inês Mendes da Silva
BOA VISTA 5 E AS COMPANHIAS PARA O
COMÉRCIO DO BRASIL. 1490-1720. 41

Ana Rosa, Inês Simão
A ANTIGA FÁBRICA NAPOLITANA, ALCÂNTARA.
UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA SOBRE
A CASA DAS CALDEIRAS 49

Ana Catarina Basílio, André Texugo, Tiago do Pereiro
iARQUEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
ADOPÇÃO DO SENSOR LIDAR DE DISPOSITIVOS
MÓVEIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA 57

Ana Costa Pereira, Tomás Pereira Botelho
DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCAVAÇÃO
ARQUEOLÓGICA:
TEMPO, AGÊNCIA E MEDIAÇÃO 69

EDITORIAL

25 anos de ERA Arqueologia

A ERA Arqueologia faz este ano 25 anos. Ao longo deste quarto de século de existência o seu compromisso com a divulgação e publicação dos seus trabalhos e do conhecimento produzido traduziu-se numa intensa actividade editorial, na participação em inúmeras reuniões científicas nacionais e internacionais ou publicação regular de artigos em actas e revistas de especialidade. De entre todas estas realizações ganha particular relevo o esforço dedicado à actividade editorial, porque é diferenciador, representa a forma como a empresa pensa e vê a sua actividade e é demonstrativo desse mesmo compromisso.

De facto, tendo a ERA surgido em 1997, o primeiro número da revista em papel ERA Arqueologia, foi publicado em 2000. Até 2008 foram sucessivamente editados oito volumes, nos quais se publicaram trabalhos da empresa, artigos de investigação e teoria, se discutiram questões da organização da arqueologia e da profissão (Ensino, Divulgação, Ordem dos Arqueólogos, Cadernos de Encargos, etc.). Seguiu-se a revista online Apontamentos de Arqueologia e Património, que publica agora o seu 16º volume. A par, criaram-se as séries ERA Monográfica, já com seis volumes editados, e Perdigões Monográfica, com dois volumes publicados, às quais se soma a publicação das actas de um workshop.

Para utilizar uma expressão em voga: conhecer, debater, divulgar e comunicar fazem parte do "nosso ADN"

António Carlos Valera

ROUCA 7 (CANO, SOUSEL): GEOFÍSICA DE UM NOVO RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO.

António Carlos Valera[1]
Tiago do Pereiro[2]

Resumo:

No presente texto apresenta-se e interpreta-se a imagem geofísica de um novo recinto de fossos localizado na freguesia do Cano, concelho de Sousel. Identificado no âmbito de trabalhos de avaliação de impacto patrimonial realizados pela Era Arqueologia, este recinto revelou duas linhas de fossos, uma das quais sinuosa, com um lobulado padronizado. São discutidos aspectos considerados mais relevantes da arquitectura deste recinto, contextualizando-a na padronização que temos vindo a identificar neste tipo de recintos no interior alentejano.

Abstract:

Rouca 7 (Cano, Sousel): geophysics of a new prehistoric ditched enclosure

The present paper presents and interprets the geophysical image of a new ditched enclosure located in the parish of Cano, municipality of Sousel. Identified within the scope of heritage impact assessment work carried out by Era Arqueologia, this enclosure revealed two lines of ditches, one of which sinuous and with a standardized lobed. The most relevant aspects of the architecture of this enclosure are discussed, contextualizing it in the standardization that we have been identifying in this type of enclosures in the Alentejo countryside.

1. Introdução

O recinto de Rouca 7 foi identificado na sequência de um estudo de avaliação de impacte patrimonial realizado pela ERA Arqueologia S.A. para a empresa De Prado. Apesar do projecto em causa não estar submetido a condicionantes de carácter patrimonial, foi entendido pelo promotor realizar o referido estudo, no âmbito da aplicação de boas práticas que a ERA tem reiteradamente vindo a recomendar aos seus clientes. As prospecções pedestres efectuadas permitiram identificar, numa das parcelas do projecto, vários vestígios à superfície, a maioria dos quais correspondestes a contextos de cronologia histórica. Num caso, contudo, a recolha de meia dúzia de fragmentos de cerâmica manual e de um percutor indiciava a presença de um sítio de cronologia pré-histórica. Dada a sua implantação, e em face do conhecimento que temos vindo a acumular sobre a implantação de recintos de fossos, foi desde logo colocada a hipótese de se tratar de um contexto desta tipologia, tendo sido sugerido ao promotor a realização de prospecções geofísicas no local de modo a confirmar esta suspeita. Com base na relação de confiança e de profissionalismo existente, a proposta foi aceite e as referidas prospecções viriam a ser realizadas em Fevereiro de 2021, confirmando a presença de um recinto de fossos pré-histórico. Aumenta-se, assim, o número de magnetogramas de recintos de fossos obtidos no âmbito da arqueologia de minimização de impactes e da investigação do NIA-ERA, o qual é já de 13 levantamentos, correspondendo ao maior *corpus* existente para uma região peninsular.

2. Localização

O recinto de Rouca 7 situa-se na Herdade da Rouca, freguesia do Cano, concelho de Sousel, distrito de Portalegre. Localizado cerca de 1500m a norte da povoação do Cano, este recinto está implantado numa zona aplanada, no ponto em que se inicia a vertente muito suave da margem esquerda da Ribeira de Alcorrego, afluente da Ribeira da Seda, integrando já a bacia hidrográfica do Tejo. Do ponto de vista geológico, o local é caracterizado por calcários e brechas calcárias. A implantação não oferece qualquer destaque na paisagem, a qual é bastante aberta e plana, sendo possível ver no horizonte a Serra de S. Mamede a Nordeste.

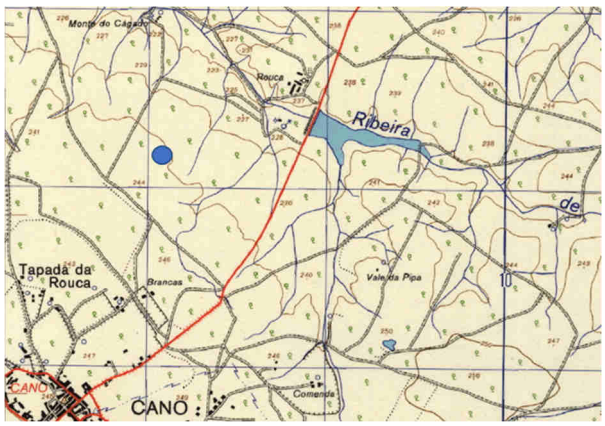


Figura 1 – Localização de Rouca 7 (C.M.P. 1:25000, fl.397).

Figura 2 – Vista aérea da localização do recinto de Rouca 7 a partir do Google Earth.

Figura 3 – Aspecto da área aplanada onde se localiza o recinto de Rouca 7.

3. Metodologia

Situando-se numa zona de pivot agrícola, os trabalhos tiveram que ser realizados em dois momentos, já que na primeira fase o braço do pivot se encontrava a atravessar o recinto a meio, o que interferiu na qualidade do levantamento nessa área. Na segunda fase, já com o pivot removido, foi refeita parte da geofísica, cujos resultados ainda assim se viram algo afectados pelo lixo metálico deixado no terreno aquando da desmontagem do pivot.

A prospecção foi realizada em 18 quadrados de 30x30m, correspondendo a uma área total de 16200m^2, um pouco superior a 1,5 ha. Estes trabalhos foram realizados com recurso ao magnetómetro Bartington 601/2, com dois sensores de 1m de comprimento separados por 1m.

Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0.1nt (nanotesla), considerando-se que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nt (o.4 gauss), que podem variar durante o dia.

Este equipamento permite detectar anomalias até cerca de 3m de profundidade (a média é 1m). A recolha dos dados teve por base uma grelha georreferenciada, com quadrados de 30x30m. Estes quadrados foram divididos em 30 linhas de prospecção percorridas em modo zig-zag, permitindo a recolha de medidas a cada 0.125m com espaçamento entre linhas de 0,5m. Os dados obtidos foram processados com software Geoplot 4.0.

Resultados

O magnetogra obtido revela um pequeno recinto composto por dois fossos concêntricos. O interior, circular e de traçado linear, apresenta um diâmetro de 17m, 62m de perímetro, delimitando uma área de 96m^2. Apresenta duas interrupções, correspondentes a duas entradas. Uma orientada a Norte e outra a 120º. No seu interior foram interpretadas cinco anomalias que poderão corresponder a fossas.

O recinto exterior apresenta um fosso de traçado sinuoso com oito lóbulos relativamente bem padronizados. Tem um diâmetro de 45m e um perímetro de 153m, abrangendo uma área de 328m^2. Tem uma única entrada, orientada a 120º, encontrando-se alinhada com uma das entradas do recinto interior. Um alinhamento orientado ao solstício de Inverno.

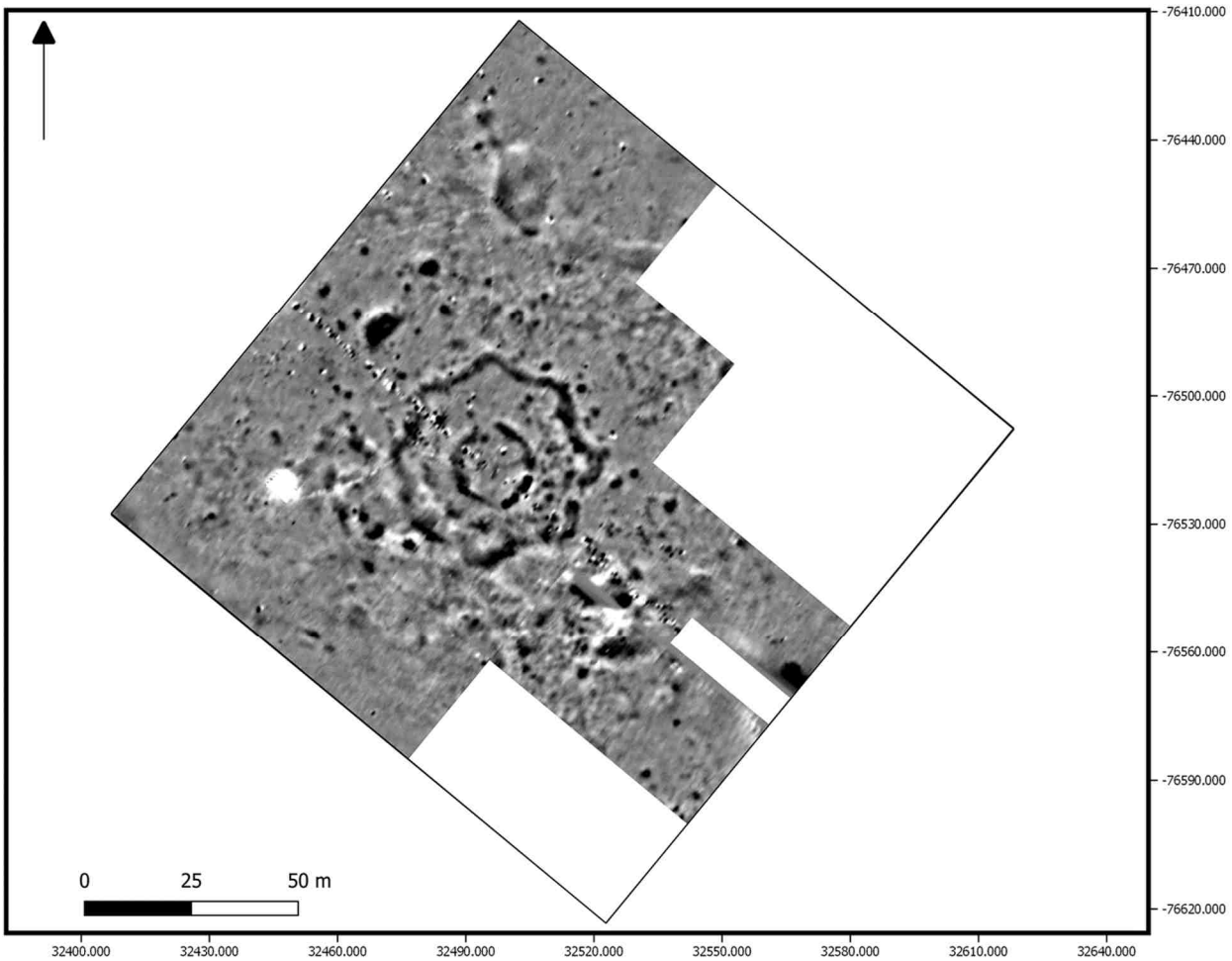


Figura 4 – Magnetograma de Rouca 7, sendo visível um rasto central de anomalias provocadas pelo lixo metálico de desmonte do pivot.

No seu interior, no espaço que medeia para o recinto interno, foram identificadas anomalias de 18 possíveis fossas. Nesse mesmo espaço, do lado Sudoeste, parece existir uma estrutura alongada serpenteante, que poderá eventualmente corresponder a um troço de fosso intermédio, mas que não se desenvolve para formar um recinto (Figura 5).

Fora da área delimitada por fossos foram ainda identificadas 69 anomalias que corresponderão a fossas e 16 anomalias de dimensões e formatos distintos e que poderão igualmente corresponder a estruturas arqueológicas de natureza distinta (uma é mesmo de grandes dimensões e poderá eventualmente tratar-se de uma estrutura funerária de câmara, corredor e grande átrio).

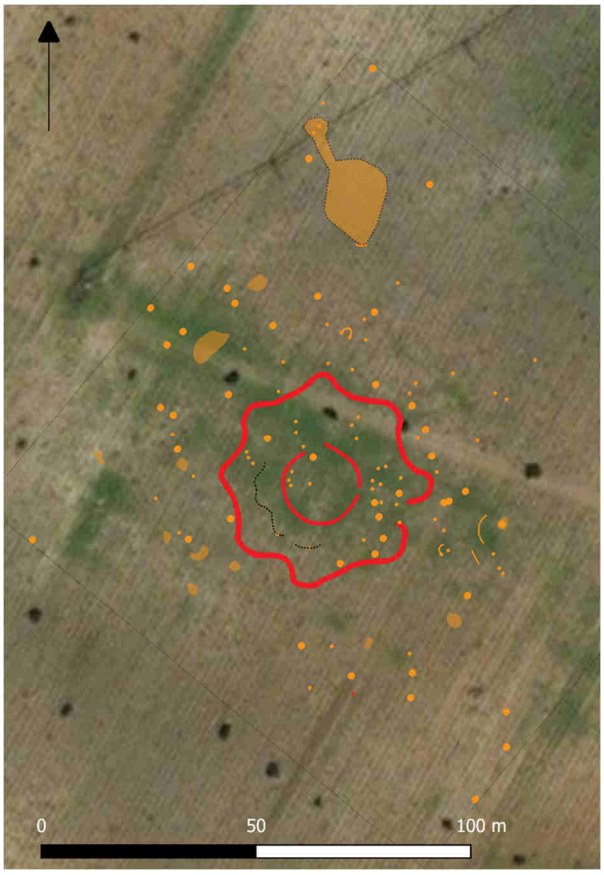


Figura 5 – Interpretação do magnetograma de Rouca.

Material arqueológico

O material arqueológico recolhido à superfície, tanto na fase das prospecções pedestres como na da realização de geofísica, é extremamente escasso. Resume-se a cerca de uma dezena de fragmentos de cerâmica manual, entre os quais se conta um fragmento de prato de bordo espessado, alguns percutores esferoidais, um movente/bigorna e um esboço de artefacto em anfibolito parcialmente polido. Não sendo um conjunto particularmente esclarecedor, a presença de um prato de bordo espessado aponta para uma cronologia dentro do Calcolítico, o que o aspecto geral da arquitectura, face aos paralelos que se conhecem, igualmente indicia.

Breve contextualização

O recinto de Rouca 7, integrando a grande concentração de recintos de fossos que nas últimas décadas se tem vindo a definir no interior alentejano, encontra-se num grupo que estabelece o limite norte dessa distribuição (que corresponde à parte sul do distrito de Portalegre), e onde pontuam outros recintos já trabalhados arqueologicamente, como Santa Vitória, Torrão, Monte da Contenda ou Moreiros 2.

Nesta zona mais setentrional dos recintos alentejanos, as suas dimensões, o número de fossos, o desenho do fosso externo de sinuosidade padronizada ou a orientação solsticial do alinhamento de entradas aproximam-no de Santa Vitória, ainda que neste último o fosso interno seja igualmente sinuoso e com entrada orientada ao solstíco de Verão (enquanto a do fosso externo está curiosamente orientada a Norte). Também as respectivas implantações topográficas são substancialmente distintas, com Santa Vitória a ocupar um lugar em altura e destacado na paisagem.

Contudo, a maioria dos recintos com estas características arquitectónicas, nomeadamente com fossos sinuosos padronizados concêntricos (conjugados ou não com fossos lineares), entradas alinhadas e com orientações significantes encontram-se sobretudo mais a Sul, no distrito de Beja, como Xancra, e sobretudo no concelho de Serpa, com a surpreendente proximidade entre os recintos de Outeiro Alto 2, Folha do Ouro 1, Borralhos e Monte da Laje (Figuras 6 e 7).

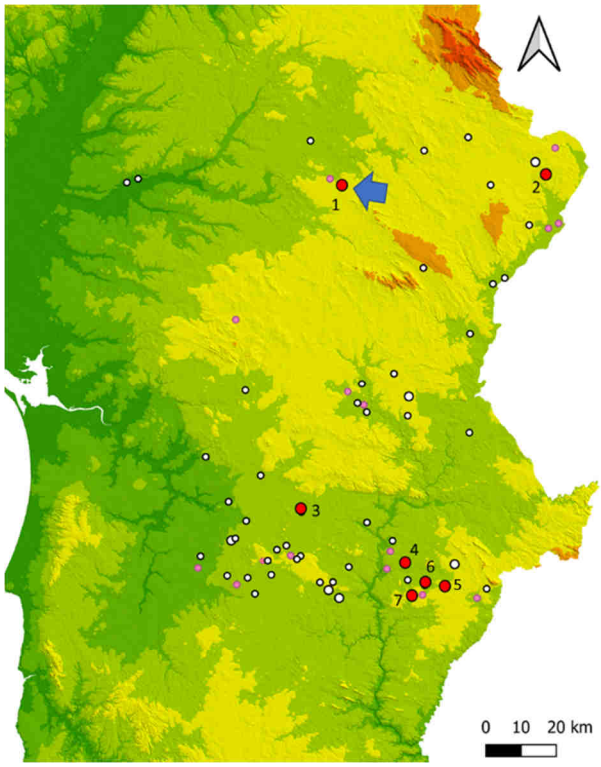


Figura 6 – Localização de Rouca 7 (seta azul) no contexto dos recintos de fossos alentejanos. A vermelho indicam-se outros recintos de fossos sinuosos padronizados (ver Figura 7).

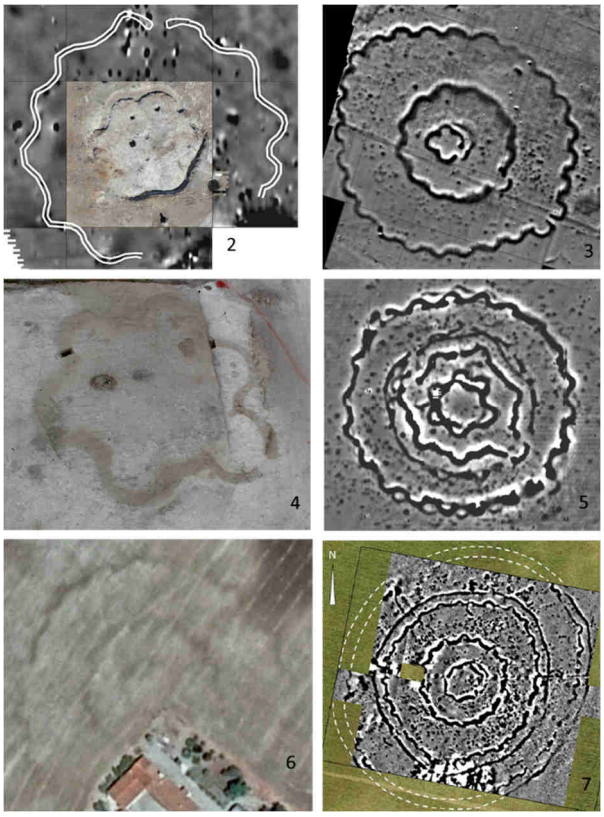


Figura 7 – Outros recintos de fossos sinuosos padronizados referidos em texto e localizados na Figura 6: 2 - Santa Vitória (Valera *et al.,* 2019); 3 – Xancra (Valera, Becker, 2011); 4 - Outeiro Alto 2 (Valera *et al*., 2013); 5 – Borralhos (Valera, Pereiro, 2020); 6 – Monte da Laje; 7 – Folha do Ouro 1 (Valera, *et al.,* 2020).

Trabalhos de prospecção e detecção remota recentemente realizados na vizinha Extremadura espanhola (López, López, 2020; Hurtado, 2021) têm vindo a revelar alguns recintos com características semelhantes, reforçando o seu número na bacia do Guadiana e a ideia de que a tandência de padronização arquitectónica que apresentam será significante e obedecerá a certos princípios e prescrições, constituindo-se como um tipo específico de recintos de fossos.

Em diferentes textos (Valera, 2012; 2020; Valera, *no prelo*) sublinhou-se um conjunto dessas recorrências, ao nível da padronização, dimensões de recintos, dimensões e número de lóbulos, alinhamentos de entradas e orientações. Para alguns destes aspectos ensaiou-se uma hipótese interpretativa que associa estes desenhos arquitectónicos a condicionantes de natureza cosmológica, onde, por exemplo, as dimensões próximas dos lóbulos padronizados poderão ser ralcionadas com as próprias orientações solsticiais. Rouca 7 também se enquadra em algumas destas recorrências, nomeadamente na dimensão média dos lóbulos, na correlação das dimensões dos dois recintos e na orientação das entradas alinhadas. E apesar de se encontrar já na bacia de drenagem do Tejo, está muito próximo dos limites da bacia do Guandiana, a qual não só agrega a grande maioria dos recintos de fossos conhecidos no Sudoeste Peninsular, como parece constituir-se como o território por excelência desta tipologia padronizada de recintos de fossos sinuosos.

Mas se o seu número tem vindo a aumentar, como resultado essencialmente de trabalhos de detecção remota orientados para a identificação deste tipo de contextos, e a sua abrangência espacial se vai alargando ao longo da bacia do Guadiana, sobre o seu espectro cornológico sabemos ainda pouco. O que em grande medida se fica a dever ao facto de poucos terem sido intervencionados arqueologicamente através de escavação. De facto, apenas para três recintos que apresentam fossos com este tipo de características temos datações disponíveis (Santa Vitória, Outeiro Alto 2 e Horta do Albardão 3), as quais se enquadram todas na segunda metade do 3º milénio AC (Valera, 2020), em "momentos campaniformes". Todavia, até ao momento não aparaceu material cerâmico ou metálico campaniforme em qualquer destes recintos, o que, a verificar-se corresponder a uma realidade arqueológica efectiva, induzirá outras linhas interpretativas, como já foi sugerido relativamente à possibilidade de fenómenos de resistência e perpectuação de tradições regionais (*idem*).

Assim, a par da continuidade da sua identificação e obtenção de plantas integrais através da geofísica, que, como se tem visto, permitem desenvolver toda uma série de problemáticas e interpretações relacionadas com as arquitecturas destes recintos, tornou-se urgente promover programas orientados à sua datação absoluta, o que poderá, por exemplo, ser realizado a partir de furos (carotes), sem escavação alargada, como já foi experimentado noutros recintos peninsulares (Escudero Carrillo *et al.,* 2017) e proposto à FCT numa candidatura de projecto. Informação fundamental não só para corroborar ou infirmar a abrangência temporal que por agora evidenciam, como para compreender as próprias temporalidades internas de cada um destes recintos, aspecto igualmente central para a sua adequada interpretação.

Mas o mesmo se poderá dizer relativamente à natureza dos contextos que albergam. Se apenas três foram alvo de escavação arqueológica, só um desses três (Santa Virtória) o foi de forma alargada e no âmbito de projectos de investigação, produzindo informação contextual importante. Assim, temos vindo a aumentar a informação sobre a "forma" e a "localização", que nos vai permitindo reconhecer que estamos perante algo eventualmente específico dentro do fenómeno dos recintos de fossos, mas falta-nos o "tempo" e o "conteúdo" para poder avançar mais na compreensão desta aparente especificidade.

Concluindo

O processo que levou à identificação e realização da prospecção geofísica do recinto de Rouca 7 foi, do ponto de vista da gestão do património e da minimização de impactes, exemplar, resultando na concretização do projecto agrícola e na presenvação do sítio arqueológico (numa área de protecção não plantada). Desse trabalho resultou igualmente mais um magnetograma que, em conjunto com outros que temos vindo a obter para recintos de fossos alentejanos (este foi o décimo terceiro realizado em projectos da ERA e do NIA-ERA), permite avançar em algumas das linhas de investigação que estes contextos proporcionam e que têm vindo, entre outras realidades arqueológicas, a revolucionar a Pré-História Recente do Sul de Portugal.

Referências Bibliográficas

ESCUDERO CARRILLO, J.; DÍAZ-ZORITA BONILL, M.; BARTELHEIM, M.; GARCÍA SANJUÁN, G. (2017) – Chalcolithic Enclosures in the lower Guadalquivir basin. La Loma del Real Tesoro (Carmona, Seville, Spain) and its resources. M. Bartelheim, P. Bueno Ramírez, M. Kunst (eds.), *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*. Tübingen. Tübingen Library Publishing: 257-272.

HURTADO, V.; ODRIOZOLA, C.; ASUAR, J.P.; MORENO, J. (*no prelo*) – Nuevos recintos fortificados y con fosos en la Cuenca media del Guadiana (España). *Vila Nova de Sâo Pedro 1971-2021. Cinquenta Anos de Investigacâo sobre o Calcolítico, no Ocidente Peninsular*. Lisboa.

LÓPEZ LÓPEZ, A. (2019) – Recintos prehistóricos en el Suroeste peninsular: análisis territorial del Guadiana medio a través de técnicas no invasivas. Tesis doctoral presentada a la Universidad de Alcalá de Henares.

VALERA, A.C. (2012) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. *Actas del V Encuentro de Arqueología peninsular*. Almodôvar: 25-38.

VALERA, A.C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal. in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.) *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford. Oxbow: 239-250.

VALERA, A.C. (*no prelo*) – Ditched and Walled Enclosures of Late Prehistory in South Portugal: a brief comparative approach. Actas do colóquio "Vila Nova de São Pedro 1971-2021. Cinquenta anos de investigação sobre o Calcolítico, no Ocidente Peninsular". (Lisboa 2021).

VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C., PEREIRO, T. DO (2019) – O projecto SANVIT: um novo ciclo de inves-tigação no recinto de Santa Vitória (campo maior). Os resultados da campanha de 2018. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 13: 9-18.

VALERA, A.C., BECKER, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7: 23-32.

VALERA, A.C.; FILIPE, V.; CABAÇO, N. (2013) – O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 21-35

VALERA, A.C.; PEREIRO, T. DO (2020) – O recinto de fossos pré-Histórico de Borralhos (Serpa): aproximação à sua arquitectura através da prospecção geofísica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 17-28.

VALERA, A.C.; PEREIRO, T.; VALÉRIO, P.; SOARES, A.M.M. (2020) – O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos. J. M. Arnaud, C. Neves, A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Lisboa. AAP e CITCEM: 971- 983.

---

[1]Era Arqueologia / ICArEHB - U. Algarve (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

[2] Era Arqueologia (tiagopereiro@era-arqueologia.pt)

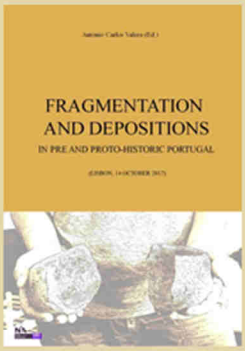
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)

Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2022)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)